

O Absurdo da Indignação Seletiva: Gritar por Uns, Esquecer Outros

Publicado em 2025-07-05 10:26:14



“A injustiça, para ser combatida, não pode escolher bandeiras.”

— Fragmento de um mundo que já não lê fragmentos

Vivemos tempos de protesto fácil e moralidade de superfície.
A juventude — informada, conectada, rápida nos dedos e nas palavras —
ergue cartazes, grava vídeos com filtros de indignação
e marcha pelas ruas com slogans aprendidos em meia dúzia de stories.

Sim, muitos levantam a voz pela Palestina.
E devem fazê-lo — pois o sofrimento de um povo sob ocupação,
os mortos civis, os bombardeamentos cegos, a destruição de lares,
tudo isso **é desumano**.

Mas onde estão essas mesmas vozes
quando falamos da **Ucrânia**,
onde **há três anos consecutivos**
mísseis russos explodem escolas,
bairros civis são transformados em crateras,
e **crianças são assassinadas diariamente** por um tirano
sedento de sangue
e ressabiado com a liberdade do povo ucraniano?



Dois pesos, nenhuma medida

Porque grita-se por uns...
e cala-se por outros?

Será por moda?

Por militância filtrada por algoritmo?

Porque as causas com certo selo são mais partilháveis?

Porque é mais fácil indignar-se contra o "ocidente opressor"

do que contra **Putin, o czar contemporâneo com couraça de propaganda e bolsos de petróleo?**

O que nos diz isto sobre a nossa **ética de supermercado**, onde escolhemos causas como quem escolhe cereais — pelo rótulo, pelo sabor, pela embalagem?

Ucrânia: a guerra que já não vende

A Ucrânia resistiu. E resiste.

Com sangue, sacrifício e uma dignidade que envergonha a Europa passiva.

Mas o mundo cansou-se da sua dor.

Já não há trending topic.

Já não há fotos novas.

A guerra continua, mas já não "engaja".

Entretanto, Putin — o psicopata de gabinete — continua a lançar mísseis sobre escolas, hospitais e casas.

Um ataque por dia.

Cem mortos por semana.

Milhares de vidas despedaçadas por um sonho imperialista tão velho quanto cruel.

E o mundo?

Calado.

O olhar virou-se para outras tragédias, como se só conseguisse chorar por uma de cada vez.

O absurdo ético

Indignar-se por Gaza,
mas ignorar Mariupol,
é como chorar por uma flor pisada
e fingir que não vemos a floresta a arder.

A dor humana não é um concurso de popularidade.
Não há hierarquia no sofrimento.
O sangue de uma criança em Gaza tem o mesmo tom
que o de uma criança em Kharkiv.

Mas os algoritmos não têm coração.
E, pelos vistos, muitos humanos também já o perderam.

Epílogo — Um apelo à coerência

A luta por justiça não pode ser **temática**.
Não pode depender da estética da causa,
nem do número de partilhas no TikTok.

Não basta gritar contra Israel
se se aplaude Putin ou se ignora a Ucrânia.
Não basta dizer-se “anti-imperialista”
se se fecha os olhos ao novo império russo e à tirania chinesa.

A coerência moral não é confortável.
É difícil, exigente, e por vezes impopular.
Mas é ela que separa o ativista lúcido do papagaio de
hashtags.

Artigo da autoria de **Francisco Gonçalves** in Fragmentos de Caos.

"Indignar-se por Gaza, mas ignorar Mariupol, é como chorar por uma flor pisada e fingir que não vemos a floresta a arder. A dor humana não é um concurso de popularidade. Não há hierarquia no sofrimento. Se escolhemos as vítimas com base na estética da causa ou nas modas digitais, deixamos de ser humanos — e tornamo-nos apenas consumidores de tragédias."
